

Pensar poeticamente: transgressões com Walter Benjamin

Pablo Vinícius Dias Siqueira
Universidade Estadual de Campinas
pablodiassi@gmail.com

O objetivo principal da presente proposta é pensar a escrita filosófica de Walter Benjamin (1892-1940). A escrita benjaminiana se faz com transgressões filosóficas que desmancham hierarquias e sujeições históricas e estimulam ações reflexivas voltadas para a desobediência e a subversão. Com tais questões em cena, considero, sobretudo, o ensaio *Rua de mão única – Infância berlinense: 1900* para evidenciar o comprometimento de Benjamin com uma filosofia que encoraja transgressões no campo artístico, filosófico e no campo da vida, afinal, a vida de Benjamin reúne muitas transgressões. As formas filosóficas que Benjamin elabora para apresentar o próprio pensamento são orientadas no sentido de transgredir todo sistema dominante – seja um sistema filosófico, um sistema econômico, um sistema político e, certamente, os sistemas autoritários. Nesse sentido, com Benjamin, o pensamento se faz com transgressões filosóficas que alimentam uma escrita iconoclasta. Não há qualquer intuito de investigar uma questão ou um tema, ou mesmo um conceito, exaustivamente, a ponto esgotá-los. A proposta é simplesmente filosofar com Benjamin e com o pensamento transgressor desse filósofo.

Palavras-chave: Walter Benjamin, Transgressão, Arte e Política, Ética do escrever.

Introdução

Para pensar a escrita filosófica de Walter Benjamin (1892-1940) é necessário estabelecer uma leitura crítica e uma escrita não-convencionais das ideias em curso justamente porque Benjamin é um filósofo não-convencional. A escrita de Benjamin é altamente transgressora e, por isso, desmancha hierarquias e sujeições e estimula ações reflexivas voltadas para a desobediência e subversão. Benjamin se arrisca no campo do indescidível – filosofia e literatura –, e faz vibrar o aspecto ético-político de questões estéticas diretamente ligadas à literatura, à ficção e à poesia. Ao eleger a transgressão como motivador conceitual, não é de se estranhar que Benjamin não seja considerado

um filósofo da ética, tradicionalmente. ¹ No entanto, a obra benjaminiana se erige com temas e problemas que fazem morada no “coração da ética”. ²

Com Benjamin, não seria possível – e nem seria filosoficamente proveitoso – defender um sistema ou um plano determinado com o qual a ética seja igualmente definida e limitada. Isso fica ainda mais intenso em um ensaio como *Rua de mão única – Infância berlinense: 1900* (2013). O que se observa, especificamente, é que há um exercício contínuo, um esforço ético por parte do próprio Benjamin em movimentar os lugares fixos e estabelecidos da ética e em desmanchar, aporeticamente, o rastro de certa tradição filosófica da ética enquanto ele mesmo reelabora tal rastro com outras categorias no limiar do pensamento filosófico como memória, esquecimento, experiência, alegoria e mesmo crítica literária.

É assim que Benjamin tenta estabelecer, continuamente, diferentes critérios para o exercício da linguagem filosófica que, nele, admite responsabilidade para reelaborar eticamente as relações entre os sujeitos e a história. No entanto, Benjamin sente-se autônomo o suficiente para assimilar o perigo, o inorgânico, a transgressão, o irresponsável que há na literatura. Tais elementos são fundantes da filosofia benjaminiana e orbitam uma teoria política radical que “é a contraparte de uma ética também radical, que vê na crítica do poder uma necessidade imperativa como resposta às demais demandas de uma autêntica justiça” ³ e que corre pelos meandros de uma escrita filosófica subversiva.

Na obra benjaminiana a questão da exposição (*Darstellung*) ocupa um lugar de destaque e também de crise indissociável das práticas críticas e do incomum projeto filosófico de Benjamin. Nesse sentido, o comprometimento com uma escritura filosófica não se faz sem um envolvimento ético-político da questão. Para Benjamin, o filósofo, se ético, é sempre transgressor das normoses, das objetividades, das obediências. Igualmente, para escrever a filosofia que lhe cabe, o filósofo precisa transgredir, eticamente, as formas de escrita filosófica. Portanto, sendo Benjamin um filósofo transgressor não é de se espantar que ele tenha sido o primeiro a sentir o efeito de suas próprias transgressões.

Embora tenha sido o primeiro a sentir as próprias transgressões, Benjamin não foi o primeiro a testemunhá-las a ponto de conseguir elaborá-las também na forma escrita. E

Hannah Arendt (1906-1992) talvez seja a primeira a destacar e legitimar a transgressão presente na vida e na obra de Benjamin. Arendt destaca a intimidade, a alteridade e a atração pelas diferenças como procedimentos benjaminianos de transgressão, nas maneiras de viver e de escrever.

¹ SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 55.

² SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 56.

³ SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 77.

No ensaio “Walter Benjamin (1892-1940), Arendt constata que seu amigo filósofo escrevia “uma prosa com uma proximidade tão singularmente encantadora e encantada da realidade”.⁴ Encantamento e realidade que, conceitualmente, apontam para o *flâneur* pensado aqui também como um elemento da escrita de Benjamin, considerando pontos-de-fuga como fragmento e ruína, movimento e citação, experiência e passagem. Arendt afirma ainda que

o que Benjamin disse de Kafka com um talento tão único aplica-se igualmente a ele: “As circunstâncias do seu fracasso são multifacetadas. Fica-se tentado a dizer: uma vez certo do fracasso final, tudo se resolvia para ele *en route* como num sonho” (*Briefe*, vol. II, p. 764). Ele não precisava ler Kafka para pensar como Kafka. Quando “O fogueira” ainda era tudo o que tinha lido de Kafka, já citara a frase de Goethe sobre a esperança em seu ensaio sobre *Afinidades eletivas*: “A esperança passou por sobre suas cabeças como uma estrela que cai do céu”; e pode-se ler a frase com que conclui o estudo como se fosse da autoria de Kafka: “Só por consideração aos desesperançados é que nos foi dada a esperança” (*Schriften*, vol. I, p. 140).⁵

Quando Benjamin se confunde, ou é confundido, com os textos e os escritos sobre os quais escreve está outra vez transgredindo. Outra vez atravessando mais uma fronteira proibida e se permitindo conhecer certos lugares que, talvez a filosofia não rejeite totalmente, mas prefere evitar. Arendt é precisa e generosa ao identificar os procedimentos benjaminianos de escrita, e de conceito, e ao tentar pensar com eles. Isso ocorre não apenas pela questão da amizade, ou pelos fatores políticos tão conhecidos, mas, sim, porque há um elemento na escrita de Benjamin que sempre perturbou a filosofia e mais ainda aos filósofos:

sua abordagem básica, decisiva para todos os seus estudos literários, manteve-se inalterada: não investigar as funções utilitárias ou comunicativas das criações lingüísticas, mas compreendê-las em sua forma cristalizada, e portanto finalmente fragmentária, como enunciações não intencionais e não comunicativas de uma “essência do mundo”. O que isso significa senão que ele entendia a linguagem como um fenômeno essencialmente poético?⁶

Pensar dessa maneira, que Benjamin entendia a linguagem como fenômeno essencialmente poético, é ter em mãos a chave que abre as portas do bazar filosófico que guarda *Rua de mão única – Infância berlinense: 1900*. Mas também deixa mais evidente o mal-estar provocado pelo *Origem do drama trágico alemão*. Trata-se de elaborar uma linguagem com os conteúdos historicamente rebaixados pela filosofia. Segundo Adorno, Benjamin cria uma apresentação aberta de atualidades com afirmações metafóricas e isso não apenas não interessa à filosofia *mainstream* no momento em que o *Drama trágico* surge, como também transgredir os parâmetros acadêmicos de tese. Nesse caso específico, Arendt dirá mais. Dirá que, na verdade, o *Drama trágico* provoca “a habitual suspeita acadêmica em relação a tudo

⁴ ARENDT, 2008, 182.

⁵ ARENDT, 2008, 183.

⁶ ARENDT, 2008, 183.

que não seja garantidamente medíocre”,⁷ desobedecendo a forma convencional e sistemática de tese. Arendt também explica que “Benjamin tinha paixão pelas coisas pequenas, até minúsculas”⁸ e é essa poética do pequeno que compõe sua escrita e seu pensamento. Para Benjamin,

a dimensão de um objeto era inversamente proporcional à sua significação. E essa paixão, longe de ser um capricho, derivava diretamente da única concepção de mundo que teve uma influência decisiva sobre ele, a convicção de Goethe sobre a existência fática de um *Urphänomen*, um fenômeno arquetípico, uma coisa concreta a ser descoberta no mundo das aparências, na qual coincidiriam “significado” (*Bedeutung*, a mais goethiana das palavras, é recorrente nos textos de Benjamin) e aparência, palavra e coisa, idéia e experiência. Quanto menor fosse o objeto, tanto mais provável pareceria poder conter tudo sob a mais concentrada forma...⁹

Benjamin busca essas formas concentradas e tenta expor mais o singular que há no dentro-fora delas – não apenas nos diálogos conceituais que estabelece com outros autores, mas também em relação a si mesmo. Tanto *Rua de mão única...* quanto o *Drama trágico...* (e um não poderia ser mais diferente do outro), sustentam a “maravilha da aparência”,¹⁰ algo que Benjamin (diferente de Adorno, por exemplo), colocou “no centro de todas as suas preocupações”.¹¹ Benjamin considera intensamente as formas escritas do pensamento filosófico tanto quanto considera transgredir essas mesmas formas. E, para Arendt, essa transgressão se realiza porque era constitutivo de Benjamin “o dom de *pensar poeticamente*”.¹² Pensar poeticamente, escrever transgressoramente, elaborar uma crítica literária afectiva, criacional, relacional, desenhada com uma alteridade desobediente. E, com essas práticas, fazer filosofia. Portanto, não é prioridade de Benjamin, enquanto filósofo, a própria filosofia. Ela compõe, sem dúvida, o principal conjunto de ações privilegiadas por Benjamin, porém, ele sempre desautoriza a filosofia enquanto sistema conceitual e prático primordial. Benjamin nunca localiza a filosofia no centro das questões, mas ao lado. Ao lado das artes, da história, da crítica literária. Para Benjamin, a filosofia não dialoga sobre, mas, sim, dialoga com. Essa postura evidencia não apenas o estilo transgressor, mas um caráter transgressor.

O que chamo de transgressor, Arendt chama, no melhor sentido, de inquieto, excêntrico, paradoxal. “O que é tão difícil de entender em Benjamin é que, sem ser poeta, ele pensava poeticamente e, por conseguinte, estava fadado a considerar a metáfora como o maior dom da linguagem”.¹³ Há uma tensão que surge da maneira como Benjamin recusa posições dicotômicas e binárias em relação à escrita, aos conceitos, aos diálogos que tenta estabelecer. Para Benjamin,

⁷ ARENDT, 2008, p. 173.

⁸ ARENDT, 2008, p. 176.

⁹ ARENDT, 2008, p. 176.

¹⁰ ARENDT, 2008, p. 177.

¹¹ ARENDT, 2008, p. 177.

¹² ARENDT, 2008, p. 122.

¹³ ARENDT, 2008, p. 179.

conceito e metáfora são tão constitutivos da linguagem e da escrita filosófica quanto o poeta, o filósofo e o crítico são, nele, constitutivos de um ser:

Para descrever adequadamente sua obra e seu perfil de autor dentro de nosso quadro habitual de referências, seria preciso apresentar uma série imensa de declarações negativas, tais como: sua erudição era grande, mas não era um erudito; o assunto dos seus temas compreendia textos e interpretação, mas não era um filólogo; sentia-se muitíssimo atraído não pela religião, mas pela teologia e o tipo teológico de interpretação pelo qual o próprio texto é sagrado, mas não era teólogo, nem se interessava particularmente pela Bíblia; era um escritor nato, mas sua maior ambição era produzir uma obra que consistisse inteiramente em citações; foi o primeiro alemão a traduzir Proust (juntamente com Franz Hessel) e St.-John Perse, e antes disso traduzira *Quadros parisienses* de Baudelaire, mas não era tradutor; resenhava livros e escreveu uma série de ensaios sobre autores vivos e mortos, mas não era um crítico literário; escreveu um livro sobre o barroco alemão e deixou um imenso estudo inacabado sobre o século XIX francês, mas não era historiador, literato ou o que for; tentarei mostrar que ele pensava poeticamente, mas não era poeta nem filósofo. Todavia, nos raros momentos em que se preocupou em definir o que estava fazendo, Benjamin se considerava um crítico literário, e, se se pode dizer que tenha de algum modo aspirado a uma posição na vida, teria sido a de “o único verdadeiro crítico da literatura alemã” (como colocou Scholem em uma das poucas belíssimas cartas ao amigo que foram publicadas), com a ressalva de que a própria idéia de assim se tornar um membro útil da sociedade tê-lo-ia repugnado.

Arendt reúne afetos e encontros, direcionamentos e escolas dentro uma órbita muito própria e que deixa sentir que se trata mesmo de um perfil transgressor. No entanto, Arendt parece, sem qualquer paternalismo, constatar pelo convívio e pela experiência, uma espontaneidade trágica no comportamento de Benjamin. Ela foi amiga e testemunha do jeito autêntico e descontraído com o qual Benjamin buscava apenas o que podia abandonar. E como aquilo que ele tocava, logo em seguida, tonava-se de algum modo intangível. Se, de fato, o perfil de Benjamin é o de um transgressor distraído, o mesmo não pode ser dito sobre sua obra. Esta, sim, exhibe e sustenta o propósito das transgressões.

Epiderme ética: o propósito das transgressões

Benjamin elabora uma escrita notadamente experimental, realiza transgressões éticas entre filosofia e literatura, desafiando e violando normas, poderes e sistemas (inclusive sistemas filosóficos) questionando e alterando as determinações filosóficas, artísticas, sociais, históricas. É justo por isso que *Rua de mão única...* começa com um fragmento, “Posto de gasolina”, que problematiza o caráter da ação no fazer da literatura:

A construção da vida passa neste momento muito mais pela força dos fatos do que pelas convicções. Concretamente, de fatos que quase nunca e em lugar algum chegaram a transformar-se em fundamento de convicções. Em tais circunstâncias, a autêntica atividade literária não pode ter a pretensão de se desenvolver num âmbito

estritamente literário – essa é antes a expressão habitual da sua esterilidade. Uma eficácia literária significativa só pode nascer de uma rigorosa alternância entre ação e escrita. Terá de cultivar e aperfeiçoar, no panfleto, na brochura, no artigo de jornal, no cartaz, aquelas formas desprezíveis que se ajustam melhor à sua influência sobre comunidades ativas do que o ambicioso gesto universal do livro. Só esta linguagem imediata se mostra capaz de responder ativamente às solicitações do momento. As opiniões estão para o gigantesco aparelho da vida social como o óleo para as máquinas: ninguém se aproxima de uma turbina e lhe verte óleo para cima. O que se faz é injetar algumas gotas em rebites e juntas escondidos que têm de se conhecer bem.¹⁴

Esse abastecimento ético convoca a literatura a agir e modificar a realidade dos fatos. Com tais gotas de argumento, Benjamin declara que a literatura é também combustível da ética e que pode mover e dirigir questões engajadas, políticas, democráticas – ou não falaria em eficácia e influência.

Rua de mão única... exige do leitor uma atenção mais detida em relação ao que é ou talvez pareça estranho, desobediente, contraditório, paradoxal, poético... transgressor. É que Benjamin envolve os textos com uma *epiderme ética* que, logo no primeiro contato, provoca no leitor um sentimento de perda. O leitor precisa se perguntar como agir diante desse texto. E, ao mesmo, compreender que se interrogar e seguir pelo caminho da dúvida é uma maneira de agir.

Benjamin aciona a literatura no processo de investigação filosófica que pensa própria literatura, agindo e pensando de maneira dialógica e inclusiva em termos formais. Desse modo, os conceitos e estilos, em termos apresentação escrita da filosofia, por mais estéticos ou literários que sejam, precisam incluir procedimentos éticos. Do contrário, a literatura é simplesmente colocada a serviço da filosofia. Benjamin torna mais acessível, e até mais íntimo, a grande *política da linguagem* – com mundos, problemas e formas próprias – que a literatura cria, abriga e compartilha. Porém, para que não persista uma soberania da filosofia em relação à literatura, o filósofo lança mão de quais procedimentos éticos? A transgressão, por meio de uma escrita filosófica iconoclasta, como medida ética escolhida por Benjamin para desafiar o que foi imposto e fazer reverberar ações reflexivas insubordinadas. Benjamin transgride a maneira de se pensar literatura e de se escrever filosofia estimulando transgressões no campo artístico, filosófico e no campo da vida.

Benjamin coloca a ética como uma reflexão sobre as ações e a obra do filósofo e do escritor. O que se decide entre forma e conteúdo deixa um rastro ético de pólvora. As treze teses que versam sobre a técnica do escritor brincam de pensar seriamente os dramas do que fazer e como fazer em relação ao pensamento e à escrita dentro da vida íntima e dentro da vida cotidiana. Nessas teses, Benjamin manuseia, como matéria-prima filosófica, temas da ação e da ética de maneira subversiva

¹⁴ BENJAMIN, 2013, p. 09.

e faz da experiência pessoal uma experiência política,¹⁵ e da reflexão sobre a ação – uma ação reflexiva cuja prática (pensar/escrever) desperta e alimenta ações transgressoras:

VI. Torne a sua caneta avessa à inspiração, e ela a atrairá a si com a força de um ímã. Quanto mais refletir antes de passar a escrito uma intuição, tanto mais amadurecida ela se te oferecerá. A fala conquista o pensamento, mas a escrita domina-o.

VII. Nunca deixe de escrever pelo fato de não o ocorrer mais nada. Um dos mandamentos da honra literária é o de interromper a escrita apenas quando há que respeitar uma hora marcada (uma refeição, um encontro) ou quando damos o trabalho por terminado.

VIII. Preencha os momentos de falta de inspiração passando a limpo o que já escreveu. Entretanto, a inspiração despertará.

IX. *Nulla dies sine linea* – mas semanas sim.

X. Nunca dê uma obra por acabada sem ter mergulhado nela uma vez mais, desde o serão até ao nascer do dia.

XI. Não escreva a conclusão do trabalho no lugar onde habitualmente trabalha. Aí, perderia a coragem de fazê-lo.

XII. Graus da elaboração da obra: pensamento – estilo – escrita. A finalidade do passar a limpo é a de que agora toda a atenção se concentre na caligrafia. O pensamento mata a inspiração, o estilo aprisiona o pensamento, a escrita recompensa o estilo.

XIII. A obra é a máscara mortuária da sua concepção.¹⁶

Para Benjamin transgressão é também transgressão das formas em medidas mais ou menos intensas. Da mesma maneira que tenciona o pessoal e o político, Benjamin cria uma interseção metateórica entre pensamento, estilo e escrita no limiar da ética. Esse mesmo tipo de questão comparece em “Treze teses contra os snobes”, onde a arte é o contraponto para uma crítica à autoridade, à morosidade e à burocracia, institucionalizadas. Afirmações como “o primitivo exprime-se por documentos”,¹⁷ “nenhum documento é, enquanto tal, obra de arte”¹⁸ e “o público é educado perante os documentos”¹⁹ sublinham o juízo e a crítica que Benjamin lança contra as rígidas formalidades do poder.

Por sua vez, com “A técnica do crítico em treze teses”, Benjamin faz migrar a contundência ética para um lugar de irreverência estética sem perder de vista a questão da ação e transgressão. “IX. Polêmica é destruir um livro com base em poucas das suas frases. Quanto menos foi estudado, melhor. Só quem é capaz de destruir é capaz de criticar. X. A autêntica polêmica ocupa-se de um livro de forma tão delicada quanto um canibal cozinha a um bebê”.²⁰ Já com “Número 13”, Benjamin afirma e estimula o corpo, a carnalidade, o erotismo, o desejo, a sensualidade e o sexo como elementos

¹⁵ HANISCH, 1969, p. 01.

¹⁶ BENJAMIN, 2013, p. 28.

¹⁷ BENJAMIN, 2013, p. 29.

¹⁸ BENJAMIN, 2013, p. 29.

¹⁹ BENJAMIN, 2013, p. 29.

²⁰ BENJAMIN, 2013, p. 29.

filosóficos legítimos (tanto quanto a vida sexual dos filósofos, algo que, platonicamente, convém não falar). A transgressão aqui é pensar o corpo e o conhecimento como formas de prazer relacionais:

- I. Os livros e as prostitutas podem ser levados para a cama.
- II. Os livros e as prostitutas entretecem o tempo. Dominam a noite como o dia e o dia como a noite.
- III. Olhando os livros e as prostitutas não nos apercebemos de como cada minuto lhes é precioso. Mas quando lidamos com eles mais de perto, começamos por notar como têm pressa. Contam o tempo conosco à medida que nos afundamos neles.
- IV. Os livros e as prostitutas sempre tiveram um amor infeliz um pelo outro.
- V. Livros e prostitutas: ambos têm aquela espécie de homens que vivem deles e os maltratam. No caso dos livros, os críticos.
- VI. Livros e prostitutas em casas públicas – para estudantes.
- VII. Livros e prostitutas – raramente aquele que os possui assiste ao seu fim. Costumam desaparecer da nossa vista antes de se apagarem.
- VIII. Os livros e as prostitutas contam com o mesmo agrado e a mesma hipocrisia a história de como se tornaram o que são. Na verdade, frequentemente nem eles próprios dão por isso. Anda uma pessoa anos a fio correndo atrás de tudo “por amor”, e um belo dia vemos no engate de rua, com um *corpus* bem nutrido de carnes, aquilo que, “por razões de estudo”, sempre pairou acima dele.
- IX. Os livros e as prostitutas gostam de mostrar a lombada, de nos voltar as costas quando se expõem.
- X. Livros e prostitutas têm muitas crias.
- XI. Livros e prostitutas – “velha beata – jovem puta”. Quantos livros, daqueles pelos quais a juventude hoje aprende, não foram difamados.
- XII. Os livros e as prostitutas têm as suas zangas diante de toda a gente.
- XIII. Livros e prostitutas – as notas de rodapé estão para aqueles como as notas de banco na meia para estas. ²¹

Para além das questões de gênero que não cabem no momento, o fato é que Benjamin transgride a dicotomia corpo/pensamento e se deita nos lençóis da ética com essas duas putas, filosofia e literatura, e faz das reflexões sobre a ação uma prática prazerosa de encontro com as diferenças, com o outro e com um conhecimento que enfrenta o próprio limite como exercício híbrido de linguagem e desobediência.

Benjamin é um filósofo-escritor. Para ele pensar e escrever são, sobretudo, formas de resistência. Resistir é transgredir. A obra desse pensador provoca estranheza dentro e fora da filosofia. Não é exagero dizer que *Origem do drama trágico alemão* (2013) provocou confusão e mesmo constrangimentos, ²² expondo um *betrieb* ²³ acadêmico que deveria seguir despercebido. Fato é que Benjamin conjura um texto matizado com vários aspectos literários: imagens, metáforas, narrativas poéticas, afetos ficcionais. Nada disso se faz sem a experiência conceitual. Mas há também o elemento ético, a ação, sobretudo, a ação de desafiar, de desobedecer, de arriscar. De transgredir. E foi justamente esse elemento ético que fez Benjamin colocar

²¹ BENJAMIN, 2013, p. 31.

²² GAGNEBIN, 2017, p. 22.

²³ GAGNEBIN, 2017, p. 39.

conscientemente à prova as limitações universitárias, escrevendo uma competente paródia de pesquisa erudita para melhor testar os estreitos limites dessa prática tradicional e opor uma desconstrução ousada, supremamente subversiva, à historiografia acadêmica em vigor. Quero dizer que Benjamin sabia do risco e escolheu corrê-lo, o que também testemunha sua ambiguidade em relação à carreira universitária.²⁴

Mas também testemunha o lugar indecível da transgressão ética e o limiar entre filosofia e literatura. Da mesma maneira, Benjamin testa os estreitos limites das concepções éticas, da prática tradicional da linguagem e da escrita filosófica fazendo, com aquilo que escreve, uma experiência subversiva que resulta em transgressões éticas.

Transgressões filosóficas

As relações entre literatura e filosofia são relações de poder.

Mas são também relações políticas? Relações democráticas? Relações éticas? É preciso questionar de que maneira Benjamin *lida* com a literatura. O que o pensamento benjaminiano *faz* com a literatura? Eis a ética da questão: já que o encontro entre filosofia e literatura gera diversidade reflexiva e, portanto, deve sustentar a democracia do pensamento. E isso inclui, necessariamente, a reflexividade da ação que, por sua vez, não se faz sem a democracia das formas de linguagem, nesse caso, as formas de apresentação do texto filosófico, em especial o texto de Benjamin, e as relações estabelecidas por este filósofo entre filosofia e literatura.

Dessa maneira, as formas de exposição dos escritos de Benjamin e compreende que o limiar entre filosofia e literatura forma o núcleo conceitual de uma escritura filosófica que resulta em transgressões éticas. Há intensas vinculações formais entre a escrita de Benjamin e a ação e a prática da transgressão de sistemas, conceitos e de regimes como o filosófico e o capital. Para Benjamin, a forma de apresentação do texto filosófico cria relações com o exercício e a performance filosófica, são ações reflexivas. No caso de Benjamin, esse agir começa na escrita e, de maneira transgressora, volta para mundo – ou contra o mundo – na forma de escrita mesmo, na forma de texto. Mas essa escrita também provoca e sustenta posicionamentos críticos, procedimentos subversivos, posturas insubmissas.

Tanto quanto é possível falar de um Benjamin “escritor revolucionário”,²⁵ também é possível falar, com ética, em Benjamin – filósofo transgressor.

A escrita filosófica de Benjamin é composta por uma crítica ampla à escrita filosófica por uma crítica literária. Os conceitos e a diversidade característica das formas textuais benjaminianas nascem

²⁴ GAGNEBIN, 2017, p. 22.

²⁵ BUCK-MORSS, 2005, p. 78.

dessa tensão crítica. Linguagem nomeadora é também linguagem transgressora de normas, sistemas e condutas. A exposição ensaísta, aforismática, digressiva e fragmentária do pensamento benjaminiano é forma e problematização da forma. Para expor ou apresentar o pensamento filosófico pela via da escrita, Benjamin precisa transgredir normas e sistemas prévios – o que resulta em uma ética da escrita ou uma “ética do escrever”:²⁶

Escrever é um ato ético por excelência. A distância infinita que permanece entre a observação e o abismo e o salto nele é aqui franqueada. O sangue da escrita é a fidelidade à sua própria exigência, e tal exigência se constitui, hiperbolicamente, na exigência do absoluto. Não existe escrita em meios-termos; sua única honestidade é sua inteireza. A inteireza da escrita é o desfazer-se de suas silhuetas bem delineadas. As entranhas da escrita são sua melhor aparência, são sua única aparência possível, a única fiel à mortal ousadia de fazer-se refém daquilo que, exatamente na escrita, aparece como mais propriamente ela mesma. Nenhuma escrita verdadeira passa; ela permanece trancada na voraz garganta do fluxo dos acontecimentos. Cada “criação” verdadeira é uma inscrição definitiva. Inscrita no universo dos eventos, nenhuma força será capaz de desinscrever a escrita de sua posição inegociável. Esse é o referendo de sua esperança e a razão de sua confiança.²⁷

É justamente esse ato ético por excelência, que se faz no desfazer-se, que aciona sangue e esperança, razão e ousadia, mas que é, sobretudo, um ato inegociável. É essa ética da escrita filosófica que Benjamin busca para o próprio texto. Diante das entranhas da escrita, o filósofo percebe que “método é caminho não direto. A representação como caminho não direto: é esse o caráter metodológico do tratado. A sua primeira característica é a renúncia ao percurso ininterrupto da intenção”.²⁸ Mas Benjamin transgride também as características do tratado por entender que há um desvio que leva à ética. Determinar a retidão, o linear, a continuidade como percursos únicos de escrita filosófica é censurar a democracia das formas.

O método filosófico que exclui o erro, o desvio, a afetividade, a poesia, o corpo e o que não é a verdade em termos histórico-platônicos, para Benjamin, acaba redundando em um modelo puramente excludente, inflexível, subordinado a si mesmo. A crítica que Benjamin faz em relação ao método filosófico predominante na tradição filosófica dos grandes sistemas de pensamento do século XIX considera que enquanto o conceito de sistema determinar a filosofia “ela corre o perigo de se acomodar a um sincretismo que tenta capturar a verdade numa teia de aranha estendida entre várias formas de conhecimento, como se ela voasse de fora para cair aí”.²⁹

Com tais questões em cena, Benjamin prefere correr outros riscos. Siegfried Kracauer (1989-1966), filósofo e interlocutor de Benjamin, considera o procedimento adotado pelo colega como a

²⁶ SOUZA, 2018, p. 55.

²⁷ SOUZA, 2018, p. 59.

²⁸ BENJAMIN, 2013, p. 16.

²⁹ BENJAMIN, 2013, p. 16.

“antítese do sistema filosófico que quer garantir o seu alcance no mundo por meio de conceitos universais e, sobretudo, a antítese da generalização abstrata”.³⁰ E são essas formas não-nomeadas que Benjamin busca elaborar nas formas que subverte: a antítese, o antiobjetivo, antiprojeto, anticonclusão. Ou seja, as formas transgressoras do texto filosófico. Por isso Benjamin também afirma que

o reino do pensamento filosófico não se desenrola numa linha ininterrupta de deduções conceituais, mas pela descrição do mundo das ideias. A atualização desse processo começa sempre de novo com cada ideia, tomando-a por uma ideia primordial, pois as ideias formam uma multiplicidade irreduzível”.³¹

E o que Benjamin faz com esse ponto irreduzível da filosofia?! Entre outras coisas, ele abre caminhos para se pensar a ética como fio condutor de uma relação transgressora entre filosofia e literatura. Os textos de Benjamin que aproximam filosofia e literatura encorajam transgressão, desobediência, indocilidade, indisciplina, insubordinação. Não apenas em mero sentido de revelia, e de maneira aleatória, mas, sim, transgressões filosóficas. A proximidade entre filosofia e literatura coloca em cena a chance de agir da maneira cada vez mais singular, cada vez mais incondicionada.

Benjamin, não apenas considera a literatura dessa maneira, mas chega ao ponto de introjetá-la nas formas de exposição dos seus escritos filosóficos. Continuando o que foi pensando por Arendt, especialmente nos ensaios elaborados no limiar da filosofia e da literatura, Benjamin parece rabear o escritor que ele coloca em cena:

Seu ensaio sobre Kraus é irônico à maneira de Kraus; aquele sobre Kafka, tortuoso ao modo kafkiano; e aquele sobre Brecht, seco em um estilo tipicamente brechtiano. Seu artigo sobre Breton e Aragon termina com uma imagem surrealista, poética e revolucionária de uma bomba-relógio. Benjamin espasa o estilo daqueles que comenta a fim de perturbar as águas profundas da experiência do leitor: depois dele, não é mais possível frequentar esses polemistas, prosadores, dramaturgos e poetas sem experimentar a comoção inédita que eles próprios sentiram e ao largo da qual o leitor distraído passa.³²

Da mesma maneira, Benjamin “procura espasar os movimentos do mundo exterior”³³ e por essa razão consegue citar “Paris como se fosse um livro e todas as cidades como se fossem um texto, com ou sem aspas”.³⁴ A elaborar e praticar uma ética da escrita, Benjamin aciona uma filosofia “lúdica e “emancipadora”³⁵ que transgride a unidade, o ordenamento, as supremacias sistemáticas e assim

³⁰ KRACAUER, 2009, p. 280

³¹ BENJAMIN, 2013, p. 31.

³² BERDET, 2018, 447.

³³ BERDET, 2018, 446.

³⁴ BERDET, 2018, 449.

³⁵ BERDET, 2018, 450.

permite ao leitor perceber como o detalhe reflete o conjunto, o qual obtém, assim, uma nova aparência. Esse método, no entanto, não cria um novo olhar dominador, pois, em segundo lugar, dá a ver uma técnica de escrita: não se trata propriamente de uma revolução da forma (o estilo, o ritmo) ou do conteúdo (o objeto, o assunto, o fenômeno) que é preciso admirar, mas de um trabalho de produção científica e literária que é necessário compreender. O autor não se torna o inesperado esteta de um novo gênero nem o especialista de novos assuntos, mas um produtor do sensível. É nesse sentido que Benjamin se via como um “estrategista na batalha da literatura” (Benjamin, 1995, p. 32): como escritor, ele revoluciona seus próprios meios de produção (literária) e mostra, nos textos e nas cidades que estuda, essa mesma revolução operando. Ao fazer isso, oferece ao leitor os meios de revolucionar, por meio de uma espécie de mimetismo desse impulso criativo, seus próprios meios de produção.³⁶

A obra de Benjamin volta as transgressões mais intensas para o campo da arte, da literatura, da comunicação, da história e da filosofia. Para Benjamin, a maior transgressão que alguém pode cometer é, apesar da ausência total de poesia, viver poeticamente.

Conclusão

De maneira bem mais complexa que simplesmente provocar um sentimento de desobediência e de inadequação, os textos de Benjamin engajam a ação na direção da violação filosófica. Uma ética da escrita que é também uma ética da transgressão e que não se realizam sem uma crise da ação que é tão pessoal quanto política. As transgressões benjaminianas são orientadas no sentido de transgredir todo sistema dominante. Desse modo, a proximidade entre filosofia e literatura constitui uma ética bastante específica em meio a todas as éticas que a história da filosofia nos apresenta. Benjamin, sobretudo, se interessa, desenvolve e luta pela democracia das formas e pela ética dos afetos que se faz com a exposição de escritos filosóficos transgressores. Como já foi dito, para Benjamin pensar e escrever são, sobretudo, formas de resistência e de transgressão.

³⁶ BERDET, 2018, 450.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única: Infância berlinense: 1900*. Trad. João Barreto. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BERDET, Marc. “Como Walter Benjamin escrevia”. Revista Novos estudos – Cebrap, São Paulo, v.37, n. 03, p. 445-455, set./dez. 2018.
- BUCK-MORSS, Susan. *Walter Benjamin, escritor revolucionário*. Buenos Aires: Interzona Editorial, 2005.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Canteiro de obra”, in: *Corpocidade: gestos urbanos*. Fabiana Britto e Paola Jacques (Org.). Salvador: EDUFBA, 2017. Disponível em: <http://www.corpocidade5.dan.ufba.br/wp-content/uploads/livro/002.pdf>. Acesso: 19/04/2021.
- HANISCH, Carol. 1969. “O pessoal é político”. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/190219/O+Pessoal%2B%C3%A9%2BPol%C3%ADtico.pdf> Acesso 18/08/2021.
- KRACAUER, Siegfried. *O ornamento das massas*. Trad. Carlos Eduardo Jordão Machado e Marlene Holzhausen São Paulo: Cosac&Naify, 2009.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018.